

A Sociologia interna da Teoria do valor

Wilson F. Menezes
Professor da UFBa

Introdução

Uma apreciação crítica da literatura econômica relativa à teoria do valor de Marx mostra que ela é muito deformada em seus aspectos essenciais. Esta deformação das idéias de Marx pode ser verificada em inúmeros manuais de economia, bem como em trabalhos mais aprofundados, nos quais não é incomum se relacionar ortodoxos marxistas. Como exemplo de deformação da teoria marxista selecionamos o trabalho de Shumpeter, onde pode ser visto:

"Marx alinhou-se entre os teóricos de sua época e também de épocas posteriores, ao fazer, da teoria do valor, a pedra fundamental de sua estrutura teórica. A sua teoria é a de Ricardo. \...\ Tanto Ricardo como Marx dizem que o valor de cada mercadoria é (em equilíbrio e competição perfeitos) proporcional à quantidade de trabalho nela contida, desde que esse trabalho esteja de acordo com o nível existente de eficiência da produção (a quantidade de trabalho socialmente necessária). Ambos medem esta quantidade em horas de trabalho e usam o mesmo método para reduzir diferentes qualidades de trabalho a uma só medida. \...\ Os argumentos de Marx são simplesmente menos polidos, mais prolixos e mais 'filosóficos', no pior sentido da palavra."¹

Shumpeter é mostrado aqui a título de exemplo, muitos outros poderiam ainda ser mencionados: Bohm-Bawerk profetizou como sem futuro a doutrina de Marx, ao "detectar" uma contradição existente entre os livros I e III de O Capital; Marshall tratou Marx como um falseador das idéias de Ricardo; Keynes não se dignou a tratá-lo, por considerar o seu mundo como 'sombrio dos heréticos, mas que tem menos para nos ensinar do que um reformador monetário relativamente desconhecido como Silvio Gessell', ademais, o capital foi comparado, por Keynes, ao Alcorão, pois tanto um como outro disseminavam fé e violência²;

Samuelson qualificou-o de 'um pós-ricardiano de pouca importância'; von Mises atestou que o marxismo vai contra a lógica e contra a ciência³.

Entretanto, a teoria do valor de Marx vem se demonstrando resistente, por mais de um século, aos mais variados ataques. A contribuição do marxismo para elucidar as leis de funcionamento do capitalismo é inquestionável, como pode ser atestado pelo próprio Samuelson:

"Le marxisme est peut-être trop valable pour qu'on le laisse aux marxistes. Il fournit un prisme critique à travers lequel les économistes du courant dominant peuvent, à leur propre bénéfice, examiner leurs analyses"⁴.

Aqui defendemos a idéia de que há muita distorção, na apreciação da obra de Marx, e em particular no que se refere à sua teoria do valor, por falta de compreensão do seu método analítico, método este incompatível com o positivismo (o mais difundido entre os economistas), muita incompreensão também se resolve meramente ao nível de uma rejeição ideológica. Mas isso não é tudo. Muita coisa se passa ao nível da própria apresentação da teoria do valor, ou seja, dada a não existência de uma única forma de apresentação da teoria do valor de Marx, onde muitas das deformações poderiam ser sanadas, abre-se um campo para as mais variadas interpretações.

Não obstante, sugerimos que a pesquisa sobre a teoria do valor de Marx requer uma reconstituição, onde possam ser consideradas todas as versões dessa teoria⁵, bem como as inúmeras citações ao longo de todo seu trabalho, sobretudo as contidas no livro III. Ora, na medida em que, entre as mais variadas apresentações, aspectos importantes podem ser aprofundados ou apenas mencionados, tem-se que buscar uma complementaridade entre elas mesmas. Essa reconstituição deve ter uma preocupação de fundo, a qual deve ser clareada, a saber: a questão da forma e da substância do valor⁶,

principal ponto de divergência entre a teoria do valor de Marx e aquela de Ricardo. É isso que se pretende nesse trabalho.

Por que começar pela mercadoria

“La richesse des sociétés dans lesquelles régne le mode de production capitaliste s’annonce comme une ‘immense accumulation de marchandises’. L’analyse de la marchandise, forme élémentaire de cette richesse, sera par conséquent le point de départ de nos recherches”⁷.

Estas palavras encerram mais que uma forma de interpretação, mais mesmo que uma circunstância conceitual necessária, elas guardam a escolha de um ponto de partida da pesquisa científica. Este ponto de partida na obra de Marx não se deve ao acaso, mas ele é fruto de uma concepção metodológica a qual exprime toda uma visão do ser social.

A concepção metodológica de Marx consiste em se apoderar do real pelas vias do pensamento, para tanto necessário se faz se partir não do verdadeiro real, mas das determinações que o compõe. Esse caminho para traz requer, por um processo de abstração, uma dissecação do próprio real que se pretende explicar, tendo desta vez uma reprodução pensada do próprio real. Essa dissecação conduz ao elemento mais simples de formação do real, repartindo daí chega-se de novo ao real, com toda sua complexidade, mas agora esse real pode ser visto como rico em determinações e relações causais. Esse método exclui a possibilidade de se ter que eventualmente tratar de conceitos que não decorrem do momento analítico, aparecendo como que externos à análise.

“Parece que o correto é começar pelo real e pelo concreto, que são a pressuposição prévia e efetiva; assim, em Economia, por exemplo começar-se-ia pela população, que é a base e o sujeito do ato social de produção como um todo. No entanto, graças a uma observação mais atenta, tomamos conhecimento de que isso é falso. A população é uma abstração, se desprezarmos, por exemplo, as classes que a compõem. Por seu lado, essas classes são uma palavra vazia de sentido se ignorarmos os elementos em que repousam, por exemplo, o trabalho assalariado, o capital etc. Estes supõem a troca, a divisão do trabalho, os preços etc. O capital por exemplo, sem o trabalho assalariado, sem o valor, sem o dinheiro, sem o preço etc., não é nada... O concreto é o concreto porque é a síntese de muitas determi-

nações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação”⁸.

A sucessão lógica dos conceitos de Marx reflete sempre o desenvolvimento histórico da realidade. Assim é que a sucessão mercadoria, valor, dinheiro e capital anuncia que cada um destes conceitos não pode ser compreendido sem seu precedente. O conceito de capital não pode ser perfeitamente entendido sem o conceito de dinheiro, este sem o conceito de valor e finalmente o valor não pode ser entendido sem o conceito de mercadoria, pois o desenvolvimento da mercadoria resulta no aparecimento do valor, o desenvolvimento deste resulta no aparecimento do dinheiro e o dinheiro resulta na formação do capital. De forma inversa, a mercadoria somente alcança seu pleno desenvolvimento com o aparecimento do capital, onde o trabalho assalariado forma a base da produção mercantil que se impõe à sociedade. Somente aí a lei do valor trabalho se torna a determinação que regula a totalidade da produção social.

A compreensão desse movimento dialético mostra como a teoria do valor não ficou no passado de sociedades mercantis simples, como quis até mesmo Engel⁹, mas está presente enquanto característica plena da atualidade do capitalismo. Por conseguinte, uma categoria simples pode existir em um mundo menos complexo, mas seu completo desenvolvimento somente se verifica em uma sociedade complexa.

O valor exprime então uma característica simples, e abstrata, ainda que fundamental, do capitalismo, pelo fato mesmo que todos devem se confrontar enquanto trocadores de mercadorias.

O entendimento do funcionamento do capitalismo somente é possível, para a concepção dialética da história, pela descoberta das leis internas que colocam em movimento essa realidade social. Assim é que, em se elevando do abstrato ao concreto, do simples ao complexo, da mercadoria ao valor, do valor ao dinheiro e do dinheiro ao capital é que se pode perfeitamente compreender o funcionamento do capitalismo.

A mercadoria é a expressão mais simples de um modo de produção extremamente complexo e

desenvolvido em relações sociais. Ela é, em sociedades mercantis, a configuração material do produto do trabalho humano em sua apresentação a mais elementar, mas ela contém nela mesma as determinações fundamentais da economia capitalista. Examinemos mais de perto a mercadoria.

Em Marx, a mercadoria tem um valor de uso, um valor de troca e um valor (trabalho). Estes conceitos apresentam-se simultaneamente em sua expressão material e somente estão dissociados uns dos outros pelo processo de abstração, única maneira de apropriação e reconstituição da realidade sob análise.

O valor de uso

O valor de uso de uma mercadoria é dado por sua utilidade socialmente estabelecida, logo pela necessidade social que se tem dessa mercadoria. Assim, o valor de uso aparece como o suporte material, não necessariamente tangível, do valor de troca que expressa a riqueza social. O valor de uso se esgota no consumo mesmo da mercadoria, neste sentido ele realiza-se.

As propriedades materiais da mercadoria lhe conferem certas qualidades diferentes, as quais lhes caracterizam enquanto ferro, trigo, tecido etc. No modo de produção mercantil, e em particular no capitalismo, as mercadorias não são produzidas tendo em vista essas qualidades intrínsecas, mas como materialidade de sustentação do valor de troca, logo o exame dos valores de uso pressupõe uma determinação quantitativa, tal como peso, dúzia, metro etc.

Como as necessidades sociais são atendidas, no capitalismo, não de forma imediata, mas através da troca no mercado, fica posta toda a importância do valor de uso na influência que exerce para a definição das necessidades sociais e para o jogo que se estabelece entre oferta e demanda das mercadorias; influência esta que será exercida na produção de valores de troca específicos e do próprio valor. Este é um aspecto muito negligenciado nas análises do valor, mesmo por autores marxistas.

Quando se considera a mercadoria do ponto de vista do seu valor de uso, tem-se que o trabalho que a produz é o trabalho concreto, com qualificações distintas. Esse trabalho concreto volatiliza-se em trabalho genérico com o desenvolvimento da divisão social do trabalho, sem entretanto perder o caráter de sua concretude, agora como síntese de trabalhos

qualitativamente diferenciados¹⁰.

O VALOR DE TROCA OU A FORMA DO VALOR

A relação quantitativa entre dois valores de uso diferentes exprime o valor de troca de uma mercadoria em relação a uma outra mercadoria qualquer. Assim, o valor de troca aparece como a proporção na qual dois valores de uso diferentes se trocam. Esta proporção é mutável no tempo e no espaço, fazendo com que esta relação pareça como casual e puramente relativa.

Colocando assim 1 tonelada de ferro = 2 carros, coloca-se ao mesmo tempo duas quantidades de valores de uso diferentes como iguais, ou melhor, enquanto valores de troca as quantidades distintas de valores de uso são equivalentes.

Para que a relação entre diferentes valores de uso possa ser exteriorizada, é preciso que encontremos um terceiro elemento que seja comum, e independente, às duas mercadorias que se relacionam, tornando possível então uma homogeneização da relação, tornando-a ainda passível de quantificação.

*"Les objets sont donc égaux à un troisième qui, par lui-même, n'est ni l'un ni l'autre. Chacun des deux doit, en tant que valeur d'échange, être réductible au troisième indépendamment de l'autre"*¹¹.

Este terceiro objeto comum aos dois postos em relação é o trabalho humano. A quantidade temporal desse trabalho fornece o valor intrínseco de todas as mercadorias. Este valor intrínseco somente se manifesta, bem entendido, numa relação de troca, isto é, no valor de troca. Neste sentido, podemos dizer que o trabalho enquanto substância do valor só se apresenta numa forma usual de mercadoria, ou seja no valor de troca.

Assim, deixando de lado os valores de uso expressos na materialidade das mercadorias, o que fica retido é que elas tem uma propriedade comum, a de serem fruto do trabalho humano. E o que fica de comum da relação de troca das mercadorias é o seu valor. O valor de troca exprime então a forma de manifestação do valor, o qual deve ser considerado independentemente de sua forma.

O valor de troca ou porta valor é a forma de expressão do valor trabalho. A relação quantitativa entre dois valores se fixa como a proporção entre diferentes valores de uso para a troca. As mercado-

rias enquanto valores de uso se trocam porque tem algo de comum. O que há de comum entre os valores não é o peso, tamanho ou cor, mas o trabalho. A forma do valor permite o aparecimento de um conteúdo que existe previamente, esse conteúdo deve ser distinguido da mercadoria na sua apresentação natural de valor de uso, esse conteúdo é o valor.

“La méthode dialectique ne peut se contenter de remonter de l'apparence à l'essence, elle doit encore montrer, à partir de là, pourquoi l'essence apparaît justement sous telle ou telle forme”.

O valor cria o valor de troca e o valor de troca é a forma fenomênica do valor. Esta distinção aparece do duplo caráter do trabalho, trabalho concreto e trabalho abstrato, trabalho produtor de valor de uso e trabalho produtor de valor. Um define o caráter material-técnico do trabalho e o outro define o caráter social da organização do trabalho. Esta distinção, no entanto, só aparece através de observação a partir de ângulos distintos, pois em realidade um é o outro.

A substância do valor

O trabalho é visto agora como a substância do valor. Dois são os significados do trabalho contido nas mercadorias, que se fazem face umas às outras no processo de troca, a saber: o trabalho concreto e o trabalho abstrato.

O trabalho concreto apresenta-se como generalização do trabalho enquanto consumo de força humana. Trabalho igual no sentido de consumo de força, músculos e cérebro dos trabalhadores. Este é um nível meramente fisiológico, o qual deve ser visto como condição necessária e previa mas não o próprio trabalho abstrato, como quer por exemplo Salama quando diz se apoiar em Colletti. E o que diz Colletti?

“Le travail abstrait est ce qu'il y a d'égal et de commun dans tous les travaux concrets, lorsque ces activités sont considérées abstraction faite des objets réels (ou valeur d'usage) qu'elles produisent et en fonction desquelles elles se reproduisent... Cette abstraction étant faite, il reste que tous ces travaux ne sont qu'une dépense de force humaine de travail”.

Análises do valor que tomam o trabalho abstrato enquanto generalização do trabalho como consumo de forças, músculos e cérebro dos trabalhadores, ficam ao nível fisiológico, ou ao nível da

representação da síntese de trabalhos qualitativamente diferenciados, como exposto por Marx quando tratou da cooperação do trabalho. Essas interpretações, por não captarem o que há de essencial no valor, ou seja sua representação social, falseiam a análise do valor.

Ora, o que há de inovador na teoria de Marx é o seu caráter sociológico, na medida em que todas as suas categorias analíticas são redutíveis a relações sociais. Assim, um tratamento do trabalho abstrato que fica ao nível de sua representação de generalidade de dispêndio de forças humanas etc., fica ao nível de um tratamento fisiológico da questão.

O trabalho humano levado em consideração pelo capitalismo deve ser entendido como uma relação social, na qual a divisão social do trabalho alcançou um certo desenvolvimento que fragmenta internamente as inúmeras atividades fabris, dando à produção social um caráter contraditório entre trabalho privado e trabalho social.

O trabalho privado é considerado enquanto atividade conduzida por um agente, de maneira independente dos demais, e o conjunto destes trabalhos privados compõe o trabalho social.

A solução da contradição entre trabalho privado e trabalho social somente acontece no mercado, pela mediação de diferentes produtores estabelecendo processos de troca, mas ela não entra em cena antes que, na mercadoria, aconteça uma ruptura de sua forma natural (representada pelo seu valor de uso) com respeito a sua forma valor (representada pelo seu valor de troca).

Para que esta ruptura exista, é preciso que o possuidor de uma mercadoria não lhe atribua utilidade, isto é, que ela se torne um não valor para ele. O fato que a mercadoria cesse de ser um valor de uso para seu possuidor não retira dela sua forma material, seu valor de uso intrínseco, pois o possuidor continua sempre a considerar a utilidade do seu trabalho incorporado em sua mercadoria, pois esta utilidade não é definida de um ponto de vista pessoal, mas socialmente. Vê-se, então, que a necessidade está sempre presente na forma do valor de troca, ou seja, na forma de substância de valor ou porta valor.

O trabalho abstrato é um trabalho socialmente igualizado, que pressupõe uma homogeneização fisiológica. Esta igualização deve ser entendida no processo mesmo de desenvolvimento da divisão

social do trabalho, internamente as várias atividades da produção. Neste sentido, a divisão social do trabalho torna-se divisão técnica do trabalho, tendo esta transformação uma causa puramente social. Assim é que esta igualização somente se completa sob a base de uma produção mercantil, a partir de uma hegemonia do processo de troca social, em que a transferência dos homens de uma a outra atividade se faz fácil e indistintamente dos vários trabalhos concretos que se possa assumir, o que torna agora o trabalho como trabalho geral, abstrato.

"A indiferença em relação ao gênero de trabalho determinado pressupõe uma totalidade muito desenvolvida de gêneros de trabalho efetivos, nenhum dos quais domina os demais. Tampouco se produzem as abstrações mais gerais senão onde existe o desenvolvimento concreto mais rico, onde um aparece como comum a muitos, comum a todos. Então já não pode ser pensado somente sob a forma particular. Por outro lado, essa abstração do trabalho em geral não é apenas o resultado intelectual de uma totalidade concreta de trabalhos. A indiferença em relação ao trabalho determinado corresponde a uma forma de sociedade na qual os indivíduos podem passar com facilidade de um trabalho a outro e na qual o gênero determinado de trabalho é fortuito, e, portanto, é-lhe indiferente. Nesse caso o trabalho se converteu não só como categoria, mas na efetividade em um meio de produzir riqueza em geral, deixando, como determinação, de se confundir com o indivíduo em sua particularidade".

O trabalho abstrato aparece desde então como fruto do trabalho social e não como puro desprendimento de forças físicas.

"...Pour que du travail socialement égalisé prenne la forme spécifique de travail abstrait, caractéristique de l'économie marchande, deux conditions sont nécessaires, comme Marx l'a bien montré. Il est nécessaire que: 1) l'égalité des différents types de travaux et des individus exprime 'le caractère social spécifique des travaux privés indépendants les uns des autres', c'est-à-dire que le travail devienne travail social seulement en tant que travail égal; et que 2) cette égalisation des travaux s'accomplisse sous une forme matérielle, c'est-à-dire revête 'la forme valeur des produits du travail'. Si ces conditions ne sont pas réalisées, les travaux sont physiologiquement égaux. Ils peuvent aussi être socialement égalisés, mais ils n'entrent pas dans la catégorie de travail général-abstrait".

A igualização do trabalho necessária para a construção do conceito de trabalho abstrato se faz no mercado, pela transformação do trabalho privado em trabalho social; esta transformação se verifica pela igualização dos produtos do trabalho. Assim é que o valor de troca exterioriza o trabalho abstrato em exteriorizando sua quantidade, o valor. O trabalho agora pode ser visto como impessoal, indistinto que ao ser consumido na produção, enquanto forma concreta, se reporta a todas as demais formas sociais de trabalho concreto por intermédio da troca efetiva.

A maior ou menor produtividade do trabalho não afeta, de forma alguma, o trabalho abstrato. Tem-se apenas que com o mesmo quantum de trabalho, considerando ser maior ou menor a produtividade do trabalho, pode-se produzir maior ou menor quantidade de valores de uso. Assim, cada mercadoria unitariamente definida conterá maior ou menor fração do trabalho social.

O valor nasce de um lado da abstração histórico-real (logo passível de ser captado ao nível do pensamento) do valor de uso de uma mercadoria ou de sua expressão em termos de qualidade de trabalho concreto nela contida. Esta abstração somente é possível a partir de um certo desenvolvimento da divisão social do trabalho, onde o trabalho simples, médio e privado é utilizado na produção social de uma maneira generalizada; por outro lado, na medida em que as manifestações particulares do trabalho se perdem no trabalho abstrato, igual, indistinto, independente e socialmente médio, perde-se, desde então, as qualidades concretas e específicas desse mesmo trabalho.

O nível de desenvolvimento das forças produtivas, e da divisão social do trabalho que permite o seu funcionamento, aparece historicamente com o sistema automático ou trabalhador coletivo, neste momento já se verificou três tipos de desposseção do trabalhador: 1) a perda dos meios de produção; 2) a perda do 'savoir-faire' e 3) a subordinação a si mesmo enquanto classe, ou seja, a restituição de (1) e (2), não mais permitiriam o processamento da produção, esta subordinação é a própria subordinação real do trabalho ao capital. O marco histórico desse nível de desenvolvimento das forças produtivas é a revolução industrial.

O trabalho abstrato enquanto conceito não se trata de uma escolha arbitrária do pensador, mas

de um elemento fornecido pelo desenvolvimento mesmo do modo de produção capitalista. A compreensão desse conceito tornam compreensíveis as leis de funcionamento desse modo de produção. Não sendo objeto da teoria do valor apresentar qualquer sistema de medição, para permitir a troca das mercadorias, esta medição é feita no dia a dia do capitalismo, o objeto da teoria do valor é o de explicar o sistema de trocas, e não a troca em si.

A grandeza do valor

A necessidade de se medir o valor, para estabelecimento de proporcionalidades na efetivação das trocas das mercadorias, conduz ao problema da forma do valor e somente quando se obtém um esclarecimento a respeito dessa forma é que se pode resolver a questão da medida do valor. Assim, o valor de troca expressa o valor mas não o mede.

A grandeza do valor se verifica pela quantidade de trabalho abstrato socialmente necessária à produção de uma mercadoria. A grandeza do valor exprime então uma relação de produção, ligação íntima entre uma mercadoria e a quantidade de trabalho que ela incorpora, quantidade esta necessária para fazê-la surgir enquanto mercadoria.

A possibilidade de mensuração do valor, pela quantidade de trabalho abstrato, é difícil. Não significando com isso que inexistia uma média social de trabalho simples que exprima a quantidade do trabalho abstrato. Trata-se aqui de uma contradição do modo de produção capitalista, a qual é resolvida, e sempre foi e será enquanto perdurar o capitalismo, na produção e reprodução desse modo de produção ao longo de todo o seu processo de desenvolvimento histórico.

"Le travail simple moyen change, il est vrai, de caractère dans différents pays et suivant les époques; mais il est toujours déterminé dans une société donnée"¹².

A medida do trabalho abstrato apresenta dificuldades pois a variação da produtividade do trabalho é grande. Esta variação é grande por duas razões: 1) fatores tecnológicos e 2) flutuação na intensidade do trabalho em um tempo dado. Além disso, a variação do valor de uma mercadoria conduz (pela mudança na quantidade de trabalho abstrato) a uma redefinição da repartição do trabalho social.

Trabalho social

O trabalho social significa ao mesmo tempo,

quantidade de trabalho abstrato socialmente necessário correspondente ao nível social médio da tecnologia e quantidade de trabalho útil, isto é, aquele que corresponde ao nível da demanda social.

O trabalho socialmente necessário marca o nível de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade, significando dizer que as tecnologias serão consideradas pela média social, isto é, a tecnologia menos avançada deve perder valor para as mais avançadas, ou melhor as mais avançadas ganharão uma "renda diferencial" em termos de valor, na medida que tem capacidade de produzir um valor abaixo da média social, enquanto a tecnologia menos avançada o produzirá por um valor acima da média social.

Como o valor é considerado pela média social de trabalho, com uma habilidade, intensidade e condições de trabalho consideradas como socialmente normais, aparece a necessidade de um novo conceito, este de valor de mercado, pois essas condições não são socialmente iguais. Como elas divergem, mesmo internamente a cada setor produtivo, é preciso que se distinga o valor individual do valor social ou de mercado.

O valor individual é dado pelo tempo de trabalho efetivamente gasto na produção e o valor de mercado representa o valor médio da massa de mercadorias produzidas, um podendo frequentemente se distanciar do outro, na medida em que a produtividade do trabalho seja diversificada entre firmas que produzem uma dada mercadoria. Cada técnica de produção corresponde um valor individual diferente, a média dos valores individuais representa o valor de mercado. Tem-se agora que em cada ramo de produção, existem aqueles que produzem em condições técnicas que refletem a média social, e aqueles que o fazem abaixo e/ou acima dessa mesma média¹³, sendo que a soma dos valores individuais se iguala à massa do valor de mercado.

Como o avanço técnico tende a ser acompanhado por aqueles que empregam técnica menos avançada, sob pena de não acompanharem a concorrência de mercado, e ao mesmo tempo ele se processa constantemente, essa "renda diferencial" tende a sempre existir numa dada sociedade, tanto internamente a cada ramo de produção, como entre os diferentes ramos. O valor de mercado se impõe sobre os valores individuais, exercendo uma espécie de sanção sobre as firmas que compõem a

produção de uma dada mercadoria. E, uns ganham exatamente o que outros perdem, a depender se estão situados abaixo ou acima da média social de trabalho estabelecida pelo valor de mercado.

Uma elevação da produtividade social do trabalho exerce um efeito sobre a produção do valor, ou seja, uma maior produtividade do trabalho faz com que, no mesmo espaço de tempo, se produza uma maior quantidade de valores de uso que comporá um mesmo valor, logo unitariamente cada mercadoria produzida diminuirá de valor, aumentando, por conseguinte, a quantidade de riqueza material criada num período dado. O trabalho necessário é fonte de mercadorias na razão direta de sua produtividade, e fonte de valor na razão inversa dessa mesma produtividade.

O trabalho útil mostra como o trabalho abstrato vai distribuir-se pelos diferentes setores da atividade econômica, na produção das mais variadas mercadorias, em conformidade com a idéia de demanda que se espera por cada uma dessas mercadorias; nesse sentido se processa um movimento de regulação social, ou validação social do valor anteriormente produzido e que existia em estado latente. Processos contínuos de ganhos e perdas de trabalho acontecem se a oferta ultrapassa ou não a demanda social, estabelecendo condições diferenciadas para regulação do valor de mercado.

*"Lorsque la quantité [de l'offre] est insuffisante, c'est toujours la marchandise produite dans les plus mauvaises conditions qui règle la valeur de marché; inversement, lorsque la quantité est trop importante, c'est toujours la marchandise produite dans les meilleures conditions qui règle cette valeur"*¹⁴.

Temos agora que o valor de mercado é regulado pelas condições estabelecidas na produção. Quando são consideradas as relações que se estabelecem entre a oferta e a demanda, este valor de mercado se transforma em preço de mercado. Haveria que se perguntar agora: a demanda fixa o valor da mercadoria? A resposta é não.

O valor de mercado que vigora é o estabelecido pela média do trabalho social, entretanto qual seja este valor de mercado, ele é sempre estabelecido pelo lado da produção, tendo em vista a quantidade de trabalho necessária. Assim, a depender da demanda, o que vai flutuar é o preço de mercado e não o valor. Quando a demanda social coincide com o trabalho necessário à produção, o valor de

mercado se iguala ao preço de mercado. Em sentido contrário, se não há correspondência entre o tempo de trabalho necessário e a demanda social, se verifica diferenças entre o valor de mercado e o preço de mercado. Estas diferenças não estabelecem modificações dos próprios valores de mercado, apenas permitem separações entre o valor de mercado e o preço de mercado, devido às divergências que se verificam ao nível da oferta e da demanda, da quantidade de trabalho socialmente necessário e da necessidade social¹⁵.

Estes dois conceitos (socialmente necessário e socialmente útil) remetem à questão da concorrência e demonstram como os aspectos da demanda, ou da necessidade social, influenciam a quantidade do valor, mas não fixam essa mesma quantidade. Essa influência aparece de maneira muito indireta, pois as flutuações dos preços de mercado em torno dos seus respectivos valores de mercado encontram limites bem estabelecidos, a saber: o nível técnico socialmente estabelecido. O limite da necessidade social é sempre dado pelo limite da capacidade de produção social.

Somente quando a demanda, em se separando muito da oferta, consegue atrair novas tecnologias para um ramo específico de produção, é que aquela influência se realiza, pois o valor continua sendo dado pelo tempo de trabalho socialmente necessário.

Através da concorrência é que a teoria do valor se faz valer socialmente, regulando a atividade produtiva de um modo geral. O princípio da concorrência define o caráter "anárquico" da produção, na medida que as quantidades sociais de mercadorias independem dos produtores individuais, colocando a possibilidade de equilíbrio entre oferta e demanda como uma mera casualidade extremamente rara. O movimento desordenado, por intermédio do mercado, que estabelece o princípio da "ordem" no capitalismo; assim sendo, a regulação do capitalismo, não podendo ser previamente estabelecida, somente se faz pela conexão social do mercado, pelo "planificador cego" que é o mercado.

Uma forma particular do valor ou equivalente geral: o dinheiro

Para permitir as trocas entre as mercadorias é preciso se definir um "numerário". Não significando que esse numerário tenha que se apresentar como

invariável.

Como as mercadorias não se trocam, no capitalismo, diretamente pelos seus respectivos valores medidos em tempo de trabalho, mas por dinheiro, é preciso se conhecer o dinheiro e sua gênese histórica; inversamente para se compreender o dinheiro e sua gênese tem-se que necessariamente partir da mercadoria e do valor.

O dinheiro é uma forma particular que expressa o valor. A gênese histórica do dinheiro aparece com o aparecimento mesmo do equivalente geral. Essa forma particular tem o poder de mascarar o caráter social da produção capitalista, mascarando também a distribuição do trabalho e do capital entre os diversos setores da economia. Fazendo crer que essa distribuição advém da concorrência, ou mesmo da iniciativa de empreendedores ativos e corajosos.

Quando uma mercadoria está expressa em grandeza de uma outra mercadoria, seu valor aparece como valor relativo, pois seu valor está posto na forma relativa de uma outra mercadoria; no sentido oposto, a outra exprime a forma equivalente da primeira. Estas duas formas se determinam mutuamente.

Quando se afirma que:

$$\begin{array}{c} yB \\ xA \text{ ————— } \{ \begin{array}{c} zC \\ wD \end{array} \end{array}$$

Em que xA é a forma relativa de yB , zC e wD . xA apresenta uma mesma grandeza de valor de yB , zC e wD , isto equivale a dizer que essas mercadorias são iguais em sua essência, ou seja como valor xA é igual a yB , zC e wD . A mercadoria é, assim, ao mesmo tempo, ela mesma e dinheiro, e as duas formas aparecem, desde então, como extremos que se negam na forma de uma oposição, dado que na mesma expressão xA , yB , zC e wD não podem, ao mesmo tempo, exprimir-se como relativo e equivalente.

As mercadorias somente tem condição de apresentar-se nas formas relativa e equivalente, se existir algo de comum entre elas para torna-las homogêneas e permitir a definição de suas grandezas respectivas. Esse elemento comum, conforme já analisado, é o trabalho humano incorporado nas diferentes mercadorias, independentemente das formas que assumem a materialização dessas

mesmas mercadorias.

Nas medida em que todas as mercadorias passam a ter como imagem uma única mercadoria, e que essa mercadoria vai perdendo suas características de valor de uso, servido apenas como equivalente no processo de troca, verifica-se a inversão daquela equação. Assim:

$$\begin{array}{c} yB \\ zC \} \text{ ————— } xA \\ wD \end{array}$$

Tem-se agora o equivalente geral, o dinheiro. E o dinheiro vai preencher a forma de existência do valor. Esta forma genérica do valor, expressa pelo equivalente geral, torna-se a expressão social, por excelência, do modo de produção capitalista.

A forma geral de expressão do valor, o dinheiro, é resultado do desenvolvimento histórico do processo de troca, nessa forma é que o valor alcança uma aceitação social de maneira independente de todas suas formas naturais¹⁶.

O dinheiro permite as relações de troca, pelos valores de troca, sua origem encontra-se no estudo do valor e de suas formas, ele próprio sendo uma forma particular do valor. O dinheiro é pois uma representação do valor e pressupõe a existência do valor, logo ele não mede o valor das mercadorias, contudo por ter valor contido nele próprio¹⁷ e nas mercadorias que ele se relaciona, o dinheiro tem a capacidade de expressar o valor dessas mesmas mercadorias.

A teoria do valor fica corretamente interpretada quando a mercadoria pode ser concebida como tornando-se dinheiro. E o conceito de valor fica plenamente compreendido quando se compreende a gênese do dinheiro. Para que possa haver uma representação dos valores em preços, é necessário que os valores sejam representados em dinheiro, como o dinheiro é uma mercadoria tornada equivalente geral, encontramos no ponto de partida: a mercadoria, bem como respondemos sobre as formas fenomênicas do valor.

Assim, a evolução histórica do processo de troca exige um desenvolvimento da mercadoria, no curso desse desenvolvimento acaba por aparecer "la reine des marchandises", através da qual se permite a expressão dos valores de todas as demais mercadorias. Essa mercadoria, o dinheiro, permite de forma incondicional e imediata, a troca por qualquer outra

mercadoria. Na medida em que o dinheiro deixa de ser visto pela sua característica natural de valor de uso e ganha a função social de representante do valor, as mercadorias passam a identificar seus valores de troca na forma do dinheiro.

Isso somente é possível porque o valor de troca do dinheiro adquire uma função histórica independente do seu valor de uso e das demais mercadorias, na medida em que ele se autonomiza. Este fato fetichisa as relações sociais no capitalismo, pois toda riqueza social parece agora advir naturalmente do dinheiro e não do trabalho.

Em nada modifica a validade da teoria do valor se não há uma perfeita coincidência entre os valores das mercadorias e suas representações em dinheiro, ou seja, seus preços⁽¹⁸⁾. Não obstante, este problema foi aqui abordado apenas na medida em que venha a esclarecer sobre a teoria do valor, pois ele requer um espaço específico para seu tratamento. Aqui, mantivemos a mesma hipótese de trabalho do próprio Marx, ou seja:

“Para explicar a natureza geral dos lucros, temos de partir do teorema de que, em média, os bens são vendidos pelo seu valor real, e que os lucros são obtidos vendendo-os pelo seu valor... Se não for possível explicar o lucro a partir desta suposição, não é possível explicá-lo de maneira nenhuma”¹⁹.

Entretanto, tal hipótese de trabalho não retira a consciência²⁰ de possíveis divergências entre os valores e preços, inicialmente em relação aos preços de produção e depois com respeito aos preços de mercado, preços de monopólio etc. O que faz Marx é demonstrar a formação do excedente econômico, na forma da mais-valia, tendo em vista uma suposta troca por equivalência, não significando com isso que as trocas sejam efetivamente realizadas pela equivalência desses valores, mas que mesmo na situação de equivalência aparece o excedente econômico na forma da mais-valia.

“Se na realidade os preços divergem dos valores, teremos de começar por reduzir os primeiros aos últimos, ou seja, de considerar que essa diferença é acidental, a fim de podermos observar os fenômenos em toda a sua pureza, e para que as nossas observações não sejam desvirtuadas por circunstâncias perturbadoras, que nada têm a ver com o processo em questão”²¹.

A expressão monetária do valor e o valor compõem, em verdade, duas estruturas fenômeno-

lógicas bem distintas, que se constituem e se formam em níveis diferentes de contradições sociais.

Entretanto, a existência de diferentes níveis de contradições não permite uma escolha livre ao analista. A interdependência entre os níveis de abstração requer que se saiba previamente a respeito da mercadoria, do valor, do dinheiro, para se saber a respeito do capital.

Notas

¹ Shumpeter, J. Dez grandes economistas. Civilização Brasileira, 1958. p.32-33.

² Aliás, entende-se melhor a aversão de Keynes à Marx, quando ele se define politicamente: “Eu não posso permanecer insensível àquilo que creio ser a justiça e o bom senso, mas a luta de classes me encontrará do lado da burguesia instruída...”, citado por Schwartz, G. John Maynard Keynes. Brasiliense, 1984, p.44. Também em Dillard, D. A teoria econômica de John Maynard Keynes. Pioneira, 1982, p.290.

³ Dobb, M. Teorias do valor e distribuição desde Adam Smith. Martins Fontes, 1977. p.180-181.

⁴ Samuelson, Economics: Winds of Change. Evolution of Economic Doctrine, McGraw Hill, NY, 1973, p.866. Citado por Salama, P. Sur la valeur. Maspero, 1975.

⁵ A teoria do valor de Marx tem pelo menos cinco versões: A primeira, trata-se da Crítica da economia política; a segunda é a 1ª edição de O capital; a terceira, aparece na forma de uma vulgarização da 2ª versão, anexada à 1ª edição de 1867; a quarta é a 2ª edição de O capital e finalmente, a edição francesa de O capital, tradução de Joseph Roy e revista por Marx, dando-lhe vida científica própria.

⁶ Forma e substância em Marx são indissociáveis. Este foi o ponto de vista de Hegel, em que a forma não se apresenta como externa ao seu conteúdo, antes pelo contrário, o conteúdo produz, no seu processo de desenvolvimento, a sua forma. É por isso que, em Marx, valor e valor de troca não aparecem separadamente, para ter valor é preciso estar disponível à troca, para ter valor de troca é preciso ter valor, um não sobrevivendo sem o outro.

⁷ Marx, K. Le capital I, p.41.

⁸ Marx, K. Para a crítica da economia política. Abril, Os Economistas, p.14.

⁹ Prólogo a O capital.

¹⁰ Nos referimos aqui à cooperação do trabalho descrita por Marx.

¹¹ Marx, K. Le Capital I. p.42.

¹² Marx, K. op. cit. p.48.

¹³ A consideração de vários setores, com condições técnicas distintas, conduz à necessidade do conceito de preço de produção. Este tem sido o ponto nevrálgico considerado no “problema da transformação” dos valores em preços de produção. Diríamos que a questão é muito mais complexa que essa transformação possa acausar; entretanto, nem por isso as coisas são insolúveis.

¹⁴ Le Capital, t.6, p.200-201, citado por Rosdolsky, R. La genèse du “Capital” chez Karl Marx. Maspero, 1976, p.135.

¹⁵ Vale ressaltar que, o problema da transformação não está sendo considerado aqui.

¹⁶ A função social de equivalente geral foi inicialmente alcançada pelo ouro, num primeiro momento como equivalente de trocas isoladas e raras, e num segundo como equivalente geral.

¹⁷ Aqui não estamos analisando o dinheiro no curso do seu desenvolvimento histórico, em que ele vai perdendo seu valor intrínseco, e passando a representar tão somente um símbolo de valor.

¹⁸ Essa idéia é antiga em Marx, como pode ser observada na passagem que se segue do Grundrisse, manuscrito de 1857-1858, escrito antes mesmo da publicação de O capital, o qual aparece ao público somente dez anos após (1867). "Etant donné que le prix n'est pas égal à la valeur, l'élément qui détermine la valeur - le temps de travail - devrait représenter à la fois le facteur déterminant et non déterminant, à la fois l'égalité et l'inégalité de lui-même. Etant donné que le temps de travail ne peut avoir qu'une existence idéale à titre d'étalon de valeur, il ne peut en même temps être la matière de la comparaison. On entrevoit ici la raison pour laquelle le rapport de la valeur existe d'une manière distincte et matérielle dans l'argent. Nous devons expliciter ultérieurement ce point" (Marx, K. Grundrisse I, Ed. 10-18, p.125).

¹⁹ Marx, K. Value, price and profit. Citado por Dobb, M. Teorias do valor e distribuição desde Adam Smith. p.187.

²⁰ "Supposer que les marchandises des différentes sphères de production se vendent à leur valeur signifie seulement que leur valeur est l'axe de gravitation autour duquel tourne leur prix et sur lequel s'alignent leurs hausses et leurs baisses perpétuelles". Marx, K. Le capital III. p.194.

²¹ Marx, K. Capital I. citado por Dobb, M. Teorias do valor e distribuição desde Adam Smith. p.188.